

REDACÇÃO PRINCIPAL
Alexandre Vieira
EDITOR
Joaquim Cardoso

Propriedade da União Operária Nacional
— Oficinas de impressão — R. da Amalia, 124
(Formulário da lei que regula a liberdade de imprensa)

Redacção e administração — Calçada do Combro, 38-A, 2.º
End. telegr.: Talhara — Lisboa • Telefone: 2

A REPUBLICA E O OPERARIADO

Muitas vezes se tem dito que o proletariado português deu para a implantação do regime republicano em Portugal o melhor do seu esforço, em entusiasmo e em acção, em fé e em sangue. Nós o temos dito, porque duma verdade absoluta se trata. Os trabalhadores escutaram embevecidos as pirotécnicas retóricas dos caudilhos nos tempos já longínquos da propaganda; isolaram a monarquia num ambiente de agente hostilidade; criaram ou avolumaram com a sua cooperação as associações revolucionárias; e, chegado o momento supremo, eis-los que à rua saem, nas mãos a arma, no coração a esperança, confiados, animados, heróicos. O triunfo da República derivou principalmente do esforço deles. É verdade. Mas o que é necessário e explicar a ideia do advento da República formavam os trabalhadores, a grande massa sofrida e inculta, ingenua e generosa. O que é necessário é esclarecer o que para o proletariado representavam as novas instituições. Assim se compreenderá qual era a fonte daquela fé indomável que derrubou um trono, daquele inquebrantável entusiasmo que baniu um regime. Assim se compreenderá qual grande foi a desilusão sofrida por esses mesmos que, julgando ter, com uma saudade decidida, quebrado uma goliatha, continuaram sentindo a sufocação da iniquidade. O certo é que para o povo representava o advento da República o estabelecimento definitivo da Liberdade, da Igualdade, da Fraternidade. Era a emancipação económica, era a emancipação moral. Era o auxílio ao desamparado, a protecção ao fraco, a alforria ao escravo, o pão ao faminto. Os propagandistas o diziam, a massa acreditava. Ora o povo tinha fome. Pior estará hoje, bem se sabe, mas já então o seu estado era de miséria. Como fugir-lhe? Já então a injustiça dominante o punha em frentes de indignação. Que caminho tomar? Aparentavam-no os caudilhos: a República. E o povo via nela a salvação, a miraculosa panacea que a todos os seus males viria por cobro. A República! Que doce esperança, que íntimo alvoroço! Bairros operários, monopólios extintos, o pão barato, a felicidade, enfim. A República! Em mente a personificaram os oprimidos: moça, vigorosa; audaz, peitos erectos, por sobre os quais tombava o manto rubro, rubro como a revolta — na mão a espada demolidora, a atitude activa e resolutiva. Assim bela, livre, nua, a visionava o povo. E ela veio como se viu, mesquinha, viciosa, aburguesada e trágica, sem uma manifestação de inteligência, sem uma resolução que a dignificasse, odienta, desordeira, iníqua. Vai para nove anos que a sua vida conta e sempre assim foi, parecendo, para nossa desgraça, que sempre assim será...

Ora, pelo que fica dito, o operariado não é republicano hoje, como, em boa verdade, o não era antes de 1910. Vitima dum engano, supunha-se então republicano, mas entendia por República a realização dum agregado de aspirações que uma República, por insuficiência estrutural, não pode efectivar. Por forma que o operariado não é republicano. Sabemos que há criaturas, sobrenaturalmente estúpidas, para as quais uma declaração de não-republicanismo equivale a uma profissão de fé monárquica. Mas a classe trabalhadora, não sendo embora republicana, soube escorregar de Monsanto a picara farandulagem dos restauracionistas; soube piparotear a corda realista que tentava fixar-se no Pórtio; tem sabido sempre escudar a República contra as arremetidas dos que estão ainda abaixo dela. E, sem embargo, não

é republicana. Não o é a parte mais consciente que, por saber o que quer, reconhece aquela insuficiência estrutural de que falamos. Não o é a parte mais obscura porque, depois duma experiência de oito anos, se sente mais desgraçada do que era, tão distante da redenção como antes estava. E, não sendo a classe trabalhadora republicana, pretende ela destruir a República. Não é verdadeira a fórmula. O operariado pretende não destruir mas ultrapassar a República, não a República Portuguesa, mas o próprio princípio político em que ela se gera, em que se geram todas as Repúblicas do mundo. Uma República pode ser progressiva, liberal, transigente — mas é sempre uma República, e, em relação a ela, existe um *au-delà*. Esse *au-delà* é o sindicalismo. E o operariado é sindicalista e foi-o sempre — tão inconscientemente como M. Jourdain era prosador. Pode parecer a alguns que isto de sindicalismo é mercadoria importada recentemente e sem consumo no nosso país. Carteira de observação. Basta interrogar um trabalhador qualquer, uma célula destacada ao acaso do grande corpo, e ouvir-se há como resposta uma exposição sindicalista. Só a classificação é nova, só a palavra é recente. A aspiração é antiquíssima.

Sindicalismo quer dizer: emancipação do trabalho, tema demasiado largo para desenvolver-se aqui. Ora a República, por mais ampla que ela possa conceder-se, não logrará alcançar jamais as aspirações sindicalistas. A diminuição da jornada de trabalho é excelente; a assistência na invalidez é magnífica; o aumento de salário é vantajosíssimo. E, todavia, estas reformas que uma República pode levar a cabo, se bem que agradem a sindicalistas, não satisfazem a primeira aspiração, a aspiração essencial do sindicalismo: — apesar delas, o salariado subsistirá. O salariado representa a escravidão do trabalho; é o trabalho que quer ser livre, administrar-se sem tutelas, exercer-se sem tutorias parasitárias. Os operários querem, não que os explorem menos, mas que os não explorem em qualquer grau. Todos os operários querem isto: simplesmente ignorar muitos que a isto se chama sindicalismo. Por estas razões dizemos que a classe trabalhadora é sindicalista, em Portugal e em toda a parte. Republicana, não.

Apesar de tudo, o operariado arrisca a vida pela defeza da República e ainda há pouco o fez. Trata-se duma questão de «mal por mal»; apenas do mal se prefere o menos. Quem tem a intenção deliberada de avançar não pode sofrer as regressões. Que, de resto, a Monarquia só representará a nossos olhos uma regressão se a República se diferenciar dela por uma maior largueza de vistas, por um mais amplo critério de liberdade, por um mais acentuado respeito pelas garantias de todos nós. E mesmo por algumas passadas ao encontro das nossas aspirações. Não tem sucedido isso até hoje: uma razão mais para que o operariado não seja republicano.

O Estado e a instrução popular

Como se combate o analfabetismo. Contam-nos que na vila de Oeiras há duas escolas primárias, uma masculina e outra feminina; porém estas escolas não podem comportar nem metade das crianças em idade escolar. Há pouco o povo, num abaixo assinado, dirigiu ao ministro da instrução e entregou ao sr. Luís de Azevedo, para o patrocinarem, a criação duma escola mista que pudesse receber as crianças que andam na rua por falta de escola e conseguiu que o sr. Roberto Rodrigues, cedesse a sede da escola particular que ali dirige, com todo o mobiliário, para funcionar a nova escola, ficando só a cargo do Estado pagar a professora. Pois apesar disto ainda o pedido não foi atendido...

Eis como o Estado se interessa pela instrução do povo.

NOTAS & COMENTÁRIOS

A ordem...

Dizem os jornais que se realizou ou que vai realizar-se uma reunião de muitos oficiais do exército para se tomarem sérias deliberações no sentido de garantir a ordem pública em termos duradouros e eficazes. Vai assim conseguir-se, acrescentam os mesmos jornais, duma maneira efectiva, a satisfação de uma verdadeira aspiração nacional.

Ainda há bem pouco tempo se exteriorizou uma forte corrente de opinião contra o predomínio do poder militar. Ainda há pouco os monárquicos, como agora os republicanos, apelavam para o exército como a melhor, como a única garantia da Ordem. Só o exército!

Reuniram, então, muitos oficiais... Pois seja! Teremos a garantia da ordem e reduzidos, consequentemente, a impotência, os agarradores, os políticos, os empresários de revoluções, todos os perturbadores da vida económica e política do país... com os quais fazem cor common numerosos oficiais do exército...

A leva da morte

Na Capital, de sábado último, vinha uma local com este título onde se contava que o juiz Costa Torres, director da policia de investigação, ao dar posse ao chefe Murtinheira da 2.ª secção, dissera não ter a menor responsabilidade ou interferência nas violências praticadas e acrescentara que procuraria evitar que o sr. visconde da Ribeira Brava seguisse na leva da morte.

Não somos nós partidários das prisões, do castigo, das penas, nem de toda essa formidável e criminosa máquina de tribunais e processos; mas, vivendo, como vivemos ainda, nesta sociedade, que as classes dominantes consideram bem organizada, e sendo nós, os operários, constantemente victimas das suas perseguições, violências e arbitrariedades, perguntamos:

— Que é feito desses juizes que vem agora publicamente lavar dali as suas mãos?... Já está preso? Foi chamado a prestar declarações sobre quais foram os organizadores, executores e cúmplices do crime dessa noite? Nada disso! Continua, ao que nos consta, no exercício das suas funções e na mais tranquila liberdade, enquanto nas paragens de Africa ainda permanecem os nossos camaradas rurais e tantos outros para ali enviados por este juiz que, assim pode dormir tranquilamente o sono dos justos...

Negro como a consciência dum juiz — escreveu algures o Fialho.

Bolchevismo de taberna

Foi ante-onde, pelas onze horas da noite, que contingentes de policia e de infantaria da guarda republicana efectuaram uma diligência da maior importância, ao que se narra: executou-se um cerco a uma taberna da rua do Bemfornoso...

É que, segundo averiguára a policia de investigação, ali reuniam, habitualmente, elementos perigosos a sociedade, gente de ideias avançadas sobremaneira conhecida... Presos alguns dos facinorosos, foi entre eles encontrado, também, um monárquico que era o chefe principal da conspiração, guardando a policia, já se vê, o mais rigoroso sigilo acerca da sua identidade...

Concluindo: bolchevismo de taberna, mais um quadro aporético de revista e o requerido chá de Tolentino, tantas vezes servido!

Fantasia burguesas

STOCKOLMO, 10. — Segundo telegrama de Petrogrado, o governo bolchevique vai publicar uma lei impondo a todas as pessoas que exerçam profissões liberais trabalhar por conta do Estado. Todos os escritores serão mobilizados e considerados como propriedade nacional...

Entre as coisas boas que a fantasia da sociedade burguesa tem criado à roda da revolução russa, o que vem neste telegrama não pode deixar de considerar-se como das melhores.

Não sabendo já que inventar para dar pasto aos espiritos insatisfeitos e ansiosos de novas da grande fornalha social que é hoje o Oriente, encontrando já dificuldades sérias em obter notícias que, com visos de verdade, mantenha bem vivo o terror e cavem bem o abismo entre os intelectuais e os operários, vão assim os burgueses de todo o mundo dando largas a fantasia...

Com que então escritores mobilizados e considerados como propriedade nacional?

E não há um raio que lhes parta as azas da tanta fantasia e os faça cair no seio dos bolcheviques...

Ferrovários do Sul e Suestio

Uma comissão de ferroviários teve ante-onde uma larga conferência com o sr. Jorge Nunes, ministro interino dos abastecimentos sobre o afastamento de algumas entidades superiores dos Caminhos de Ferro.

O ministro, que está na disposição de resolver a questão sem desprestígio para qualquer das partes, propôs uma plataforma que a referida comissão vai apresentar ao pessoal ferroviário. Para este fim está convocada uma reunião magna no Barreiro para amanhã, pelas 21 horas, na Associação dos Corticeiros do Barreiro.

'PEDAÇOS DE PAPEL...

O direito operário no tratado de paz mundial

Na Batalha já se exprimiu um suficiente e salutar scepticismo a respeito da «garantia legal» que a Liga das Nações pretende oferecer ao operariado, na esperança de o contentar e iludir.

E, pois, unicamente a título de informação e de documento que vamos inserir nas nossas colunas o projecto que o governo alemão fenciona apresentar na conferência da paz, se lá chegar são o salvo, através do mar redolito do espartaquismo...

São 27 pontos formulados pelo Ministério do Trabalho, com a colaboração de delegados patronais e operários e de conhecidos sociólogos. Obra rica, portanto... E muito do agrado dos Aliados, com certeza.

Eis as propostas:

I. — Geral

1) O tratado de paz, que põe termo à guerra mundial, tem igualmente por missão garantir aos operários de todos os países um mínimo de protecção jurídica e económica. Por isso, o direito operário deve ter sanção internacional no tratado de paz.

2) Esta sanção estende-se à liberdade de domicilio, ao direito de coligação, à mediação de trabalho, ao seguro social, à protecção operária, à higiene do trabalho, à vigilância por parte do Estado, à execução internacional.

Sob a designação de «operários» entendem-se os operários e empregados (públicos e privados) de ambos os sexos, de qualquer idade e profissão.

Os Estados contratantes obrigam-se a introduzir na sua legislação as disposições contidas no seguinte programa mínimo, e a fazê-las executar dentro dos termos a estabelecer para cada uma das prescrições.

II. — Liberdade de domicilio, direito de coligação. Condições de trabalho

3) E' inadmissível qualquer prohibição da emigração. E' igualmente inadmissível a interdição geral da emigração, não abrangendo, porém, esta disposição:

a) o direito que cada Estado tem de fiscalizar e ao mesmo tempo restringir a emigração, a fim de proteger a saúde pública;

b) o direito que tem cada Estado de limitar a entrada de operários, em épocas de falta de trabalho;

c) o direito que possui cada Estado de pretender dos imigrantes um mínimo de instrução, a fim de proteger a sua cultura popular e realizar eficazmente a protecção operária nos trabalhos em que predominam imigrantes.

4) Em todos os países se deve conceder aos operários livre direito de coligação. Não são admitidas leis e disposições que tirem aos diversos grupos de operários o direito de coligação e de defesa dos seus interesses económicos, assim, por exemplo, o direito de tomar parte na fixação das condições de salário e de trabalho. Onde já existem tais leis, devem ser revogadas. Os imigrantes gozam os mesmos direitos que os operários indígenas quanto à participação e actividade na organização sindical, incluindo o direito de greve. Deve ser punido todo aquele que obste ao exercício do direito de coligação.

5) O operário estrangeiro tem direito

de trabalhar no território de vários Estados, sob condições, no que se refere ao seguro, as leis do Estado no qual tem a sua sede a empresa para que trabalha.

13) Os estrangeiros que usufruem rendimentos e se afastam do país em que os mesmos tem direito, não perdem os seus direitos, se o seu país admitir a reciprocidade. As necessárias disposições ou bem assim as modalidades para pagamento da renda e a fiscalização dos seus rendimentos de renda devem ser fixadas por tratados entre os mesmos Estados.

14) Todos os documentos e certificados, relativos ao seguro social, devem ser passados gratuitamente. Gratuita deverá ser igualmente a acção judicial.

(Conclue)

Ex-contratados das Colónias

Reinam-se hoje, pelas 13 horas, na calçada do Combro, 38-A, 2.º (sede da U. O. N.), os operários, *chauffeurs* e famílias, para trocarem impressões.

A greve dos operários oleiros

Um exemplo do valor da Associação

SACAVEM, 12.-O. — Como disse a Batalha, paralisaram, há dias, o trabalho alguns operários-oleiros da fábrica desta localidade, tendo dado origem a esse acontecimento o facto do novo mestre, que é inglês, haver despedido um operário que tem 22 anos de casa, sem razão alguma, e a seguir mais dois. Os restantes, não podendo suportar a afronta, abandonaram o trabalho, e o patrão, longe de proceder como devia, despediu mais 48 operários, dizendo que estes sem aqueles de nada lhe serviam na fábrica. O seu intuito era levar os últimos a indisporem-se com aqueles, mas o ardil não deu os resultados que esperava, porquanto todos os operários se solidarizaram num esforço comum, mercê da existência do sindicato mixto, que, depois de ter exercido uma profícua acção, conseguiu uma vitória.

Serve o facto a demonstrar que os operários devem ingressar nos respectivos sindicatos, pois só mercê da uniificação da classe operária esta conseguirá o var atendida as suas justas reclamações.

No próximo domingo, pelas 16 horas, realiza o nosso camarada Eduardo de Freitas, na Associação de Classes Mixtas de Sacavem uma conferência em que desenvolverá o tema «O operariado perante os recentes acontecimentos políticos»

POR TERRAS DA BEIRA...

Quem tenha lido estes artigos que deliberei fazer antes de entrar na questão dos lanifícios, quem os fosse lendo, haveria, talvez, de supor que me tenho afastado, e me afastaria ainda mais, da verdade dos factos, que exagero e desvirtuo por mero desejo de exibir literariedades à margem da crise ou porque tenha feito passar a situação através de uma doentia sensibilidade, de um sentimentalismo mórbido. E, no entanto, tudo o que dissesse seria incolor, ficaria muito aquém do verdadeiro suplicio daquela gente, não sendo certo também que o sentimento — que não me envergonho, de resto, de ter e de cultivar — haja turbado o meu raciocínio, enevoado a minha razão por forma a alterar o exacto significado daquela miséria.

E, para que bem se veja que assim é, vou, nos períodos que se seguem, dar aos leitores de A Batalha a reprodução completa de um manifesto, destruído na Covilhã, na véspera da nossa entrada naquela cidade, e que absolutamente confirma as minhas palavras:

CARIDADE

«Caridade, é tamente o que pedimos para nos matar a fome e a sede, as nossas mulheres, as nossas crianças...

«Bem sabemos, que muitos srs. industriais, mal nos podem socorrer, porque tem os seus capitais empregados nas fazendas que não vendem; mas entre outros há, porém, que tanto ganho muitos centos (assim o disseram...) Bem podem, nesta hora acorria, vir em nosso auxílio. Outro tanto, pedimos também aos comerciantes, capitalistas e lavradores... e estes ainda na continuação dos seus lucros, visto que os góhers do consumo continuam os mesmos, como todos sabem, não se esqueça a nossa vontade, que alguns operários (muitos nem o são), aproveitando-se da ocasião, fazem profissões do pedatório e vão de porta em porta a abusar da caridade de muitas famílias que nos desejam acudir e outros, pior ainda, vão gastar na taberna esta esmola... porque assim como o rio, nesta hora de privações para todos, deve reprimir o fluxo o excesso, que afronta a miséria do pobre, assim também o pobre deve evitar os vícios, por que a esmola que recebe, só ao pé se destina...

«Mas a grande maioria, que sobe às muitas centenas de operários, essas ainda envergonhadas, decedidas e alguns merecem de miséria de fome escondidas nas casas onde não tem já nada para que levantar os olhos! Pois o que é 1.400, que constantemente recebem os seus salários, as famílias de 6 a 10 pessoas? Mal nos chega para 2 ou 3 dias... e os restantes não comemos!...

«Protestamos contra falsas instituições e bontes alarimos de afrontas e assaltos, que dia a dia e constantemente nos chegam aos nossos ouvidos, que só provém o desassossego das condições que faltam ao cumprimento dos seus deveres, ou não conhecem este povo; não são deves os nossos sentimentos; o que nós queremos e o que nós pedimos, para bem de todos e para bem desta terra, é o trabalho, não um salário que não chega, o salário já hoje, pedimos ao menos uma cédula de pão para matarmos a fome, porque a fome é negra, é dura!...

«Reconhecendo agradecemos a todos os srs. subscritores que elevaram ao nível da justiça as suas cotas e pedimos aos restantes que ainda o não fizeram e o podem fazer, o favor e a caridade de o fazerem, para corresponderem ao apelo da mais digna Comissão de Assistência Operária que tanto à frente do sr. Administrador desta Concelho, muito se tem interessado pela solução desta crise, tem pavorosa, que como chumbo, está pesando sobre esta cidade tanto obraira o tam pacifica...» Covilhã, 26-2-1919. — Os operários sem trabalho.

Esta prosa que aqui fica dá bem a nota, não é verdade? da fome que por lá vai e da miséria moral que essa fome tem levado às fileiras debilitadas dos proletários daquela região. E fica como documento de peso, como prova esmagadora no libelo que a organização operária e nós todos, os consumidores, temos de formular contra os industriais de lanifícios e contra a sociedade capitalista, onde podem gerar-se — sem correctivo e sem remorsol — monstruosidades desta natureza.

Sobral de Campos

Difunde e propaga «A BATALHA». Ela é o teu jornal e tem de viver do teu esforço.

«O parasitismo da Escola é o reflexo do espírito parasitário da nossa sociedade»

A proposito duma entrevista

O sr. António Sérgio responde à Associação do Magistério Secundário Oficial

E' com o máximo prazer que publicamos hoje a resposta do sr. António Sérgio ao convite que lhe foi feito pela Associação do Magistério Secundário Oficial relativo a explicações sobre a sua entrevista publicada no nosso primeiro número.

Como me diz a redacção de A Batalha que a «comunicação» ali feita pela Associação do Magistério Secundário, por intermédio dos seus dois representantes os professores Adolfo Sena e Luís Passos, de que me ia convidar a dar provas de certas afirmações minhas numa entrevista a Batalha, é ao mesmo tempo o próprio convite, venho responder desde já, por esta forma, aos representantes da Associação.

A impressão que me fez a atitude dos professores da Associação foi um mixto de triunfo e de tristeza; essa atitude é, com efeito, a prova mais convincente da minha tese sobre a errada orientação das nossas instituições escolares: confirmou-se que afirmai uma verdade; mas essa verdade é uma verdade triste. Eu ignorava que houvesse em Lisboa uma Associação do Magistério Secundário; e o primeiro sinal que ela me dá da sua existência é defender o nosso ensino de criticas que era de esperar que partissem da elite do próprio professorado (alguns dos nossos professores, com efeito, lhe tem feito severas criticas) e sobretudo de homens cuja honestidade e sinceridade é evidente a todos que os conhecem (e a mim em especial) quais

são os professores Adolfo Sena e Luís Passos.

O que me parece, em primeiro lugar, é que os professores da Associação não vêem ainda o problema, e não apreenderam o sentido da minha entrevista nem o papel deles nesta questão. O reporter que me entrevistou escreveu no cabeçalho do artigo que os defeitos da escola são o reflexo dos defeitos da sociedade portuguesa; é essa, com efeito, a ideia básica da entrevista. Os professores da Associação, porém, com espanto meu, parece quererem chamar sobre si toda a responsabilidade desses defeitos; solidarizaram-se totalmente com eles, negando-os; e assim receberam todos os golpes que sejam vibrados ao ensino público. O certo é que, segundo a doutrina da minha entrevista, não são os professores quem mais concorrem para dar ao ensino a sua finalidade; entre as forças preponderantes nesse sentido citarei duas: os pais dos estudantes, que não exigem da escola que lhes eduque os filhos, mas pedem que os aprobe nos exames; e os partidos políticos que tem ido ao poder, e que mandam, que legislam, que nomeiam, não sob o critério pedagógico, mas sob o seu critério de clientelas, usando dos serviços da instrução pública como tem usado de muitos outros. A atitude desajurada nos professores seria o dizerem-nos: «é certo; reproduzem-se na escola os defeitos da nossa sociedade — e estamos dispostos a reagir contra eles, e a concorrer para

RICOS REMEDIA DOS POBRES

Não se esqueçam que ali na

TRAVESSA DE S. DOMINGOS, 26 E 28

está em liquidação um completo sortido de calçado para homens, senhoras e crianças.

A FUNTIPO

R. Nova da Piedade, 62, 2.º

A mais artística fundição tipografica de Portugal

Director-proprietario
L. Gini.

ANÚNCIO

Pelo Juízo de Direito da 1.ª vara civil desta comarca e cartório do escrivão abaixo assinado, correm editos de 30 dias, a contar da publicação do segundo e último anúncio, citando os legatários: Constantino Máximo Gandra Montinho, solteiro, maior, residente em Loga da Palmeira, Porto; D. Estefânia Megre Restier Monteiro, viúva, residente na cidade do Porto e D. Rosa Marques Serrano, solteira, maior, residente na cidade de Madrid, reino de Espanha, para deduzirem os seus direitos no inventário entre maiores a que se procede por falecimento de Anibal Aécio Gandra Montinho, que foi morador na Avenida da Liberdade, n.º 236, 3.º andar, freguesia de Camões, desta cidade de Lisboa, em que é inventariante e cabeça de casal, a sua viúva, D. Honorina Ema Dias Montinho.

Lisboa, 22 de Janeiro de 1919.

Verifiquei.

O Juiz de Direito da 1.ª vara civil,
Penha e Costa

O Escrivão ajudante,
Ricardo Pereira de Araújo Vasques

Cimento TEJO,

CUMPRE-NOS avisar o público de que a fábrica de Alhandra continua produzindo em grande escala e a acorridado

CIMENTO "TEJO,"
empregado há 25 anos nas obras mais importantes do País, sempre com os melhores resultados em cimento armado, como em docas e muitos outros trabalhos de maior importância.

Os seus preços são sempre inferiores em 30 0/0 aos cimentos estrangeiros, alguns de inferior qualidade.

Números atestados dos mais famosos construtores existem neste depósito e podem ser mostrados ao público para avaliar a sua excelente qualidade.

Depositaristas gerais
do CIMENTO "TEJO,"

Antonio Moreira Raio & F.ª, Lda

Rua 24 de Julho — 54-F

Telefone Central 233
Endereço telegraphico: RATO-FILHOS

DERNIER DE LA MODE

SORTIDO COLOSSAL DE CHAPELARIA
Os modelos mais elegantes
Os preços mais economicos

ALVARO ALMEIDA GARCIA
RUA DA PALMA, 50 e 52

EMONEURA

Medicamento-Alimento



Rápido, energico e racional em todos os casos em que haja desmineralização do organismo ou enfraquecimento geral, e em que é mister levantar as forças, como na TUBERCULOSE, NEURASTHENIA, Sinaes nocturnos, Anemia, Escrofulas, Prostração física, MENSTRUACÕES IRREGULARES, Clorosis, Perdas seminaes, PALIDEZ, Linfatismo, FALTA DE APETITE, Hemorragias, Nostalgia, durante a gravidez e lactação. Digestões laboriosas, afecções osseas das crianças, DEABETES, Raquitismo, Prisão de ventre, Esfaleamento intelectual, Debilidade senil, etc., etc.

Todas estas doenças, d'um mesmo estado morbido, se traduzem sempre pela mesma alteração do sangue, pela diminuição da riqueza globular d'este liquido e

Por conseguinte da sua capacidade respiratoria. Recomendado por varias autoridades medicas e usado sempre com exito. Não é um remédio secreto como todos os seus congéneres.

PREÇO ESC. 1950

MANUEL J. TEIXEIRA 101 R. do Poço dos Negros, 101-A - LISBOA

A. Bebianco & C.ª
RUA DE D. PEDRO, 114
RIO DE JANEIRO

Dantas Valadas & C.ª
LOANDA

Vicente Ribeiro & Carvalho da Fonseca
RUA DA PRATA, 237, 1.º
LISBOA
e R. DO BOMJARDIM, 192
PORTO

ATENÇÃO

J. E. Thornycroft e John L. Thornycroft & Co. Ltd., proprietários da patente de invenção n.º 7817 para Aperfeiçoamentos que dizem respeito á propulsão de barcos, concedida a 19 de Setembro de 1911, desejando que o seu invento, seja a mais possível aproveitado no país, declaram que se prontificam a conceder licenças para o gozo parcial do privilegio ou mesmo a vender a patente. Correspondência a: Clarke, Modet & Co., Alcalá, 67, Madrid.

GRANDE NOVIDADE

Quereis comprar
drogas, tintas e produtos quimicos
mais baratos?
Ide á Drogaria Triunfo
de Acacio
F. Jorge, L.ª, na
Rua de S. João da Praça, 47 e 49

Tinturaria a Vapor

Maria d'Assunção Silva Branco
45, Calçada do Carmo, 47
TELEFONE 2619

TINGE em todas as cores e lavada a qualidade de fazendas, seda, lã, algodão em fio, roupas de senhora e fatos de homem, feltos e desmanchados, pelicas, tapetes de borraças, reposteiros, peles, feltos e tapetes.

Dégraissage à sec

A SIFILIS

ERVANISMO da provincia care radicalmente a sífilis e todas as doenças que derivam da impureza do sangue. Centenas de pessoas se têm curado com as herbas que recebem. Pacote, 600 réis. Provincia, 850 réis. Travessa da Oliveira, 21, r.º D.ª, a Estrela. Caram-se todas as doenças.

OLEOS

mineraes e massas consistentes para lubrificação de maquinas

CORREIAS de couro, balata e pelo de camelo importadas das melhores fabricas INGLEZAS, amiantos, empanques, borracha, desincrustante para caldeiras, desperdícios de algodão, etc.

AOS MELHORES PREÇOS DO MERCADO

Representantes da AMERICAN OIL CORPORATION

COSTA & RIBEIRO, Limitada

Rua Vasco da Gama, 54-58 - LISBOA

Telefone C. 2:654 - End. teleg. FELARI

OFICINA PARA CONCERTOS

BICICLETES E GRAMOFONES

Maquinismos completos, cordas, tambores, ventoinhas, rodas de engrenagem, agulhas, etc., etc. Protectores e camaras de ar de diversas marcas e medidas. Esmaltagem a fogo de Bicyclettes e com frizos. Bicycletas novas e usadas, e todos os accesorios para bicycletas e gramofones.

5, AVENIDA DAS CORTES, 7



Comp. Caminhos de Ferro Portugueses
Sociedade anónima. - Estatutos de 30 de Novembro de 1894

EDITOS DE 30 DIAS

A contar da publicação do presente anúncio correm editos de 30 dias para se habilitarem junto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses os herdeiros do falecido agente Joaquim Simplicio, ex-chefe de 3.ª classe na estação de Dois Portos, D. visão de Exploração-Movimento, a pécho por ele legada como pensionista da Caixa de Reforma e Pousada da referida Companhia, nos termos do Regulamento de 26 de Maio de 1887, concorrendo á divisão em impugnando o pedido em requerimento da viúva Antonia de Jesus Simplicio e filhos, Maria, Narcis e Manuel.

Findo este prazo, será tomada deliberação na conformidade das disposições do citado Regulamento, para os devidos efeitos.
Lisboa, 3 de Março de 1919. - O Presidente da Comissão Executiva, José A. de Melo Sousa.

Pedras para isqueiro

A verdadeira pedra metal AUER encontra-se á venda na Havanera do Conde Barão, Largo do Conde Barão, 55, (Defronte do Kiosque). Todos os operarios se devem habilitar nesta feliz casa para a próxima loteria. Também ha numeros cortos.

Casa do Isqueiro á porta

"A Batalha" na Monaca
Quisquer comunicados ou noticias para o nosso jornal, podem ser enviados para a caixa da Batalha na tabacaria "Monaca", ao Rocio.

JESUS NA GUERRA

Novidade literaria da maior actualidade

A' venda em março - Preço 50 centavos 500 réis

Pedidos á EMPRESA EDITORA POPULAR

As mais interessantes teorias sociaes

Rua do Poço dos Negros, 79 a 83

Propaganda social
Serie de folhetos em preparação
N.º 1
Necessidade da Associação
Por José Prat
Ao Trabalhador Indiferente
Por Pinto Quartim
Preço de cada 60 rs.

TIPOGRAFIA DA ASSOCIAÇÃO DOS COMPOSITORES TIPOGRAFICOS

Travessa da Agua de Flôr, 55 - Lisboa

Trabalhos tipográficos em todos os generos

Preferi-la é um dever da ORGANIZAÇÃO OPERARIA